

A SEPARAÇÃO ENTRE A FILOSOFIA E A TEOLOGIA SEGUNDO SPINOZA

Danilo Santos Dornas (PIBIC/CNPq - FUNREI)

Orientador: Prof. Dr. José Maurício de Carvalho

Resumo: Estudaremos, nesse trabalho, a idéia de Religião e Filosofia no pensamento de Baruch de Spinoza (1632-1677). Distinguiremos essas duas disciplinas para elucidar o pleno exercício da liberdade que a Modernidade instaurou.

Palavras-chave: Religião. Filosofia. Liberdade.



Abstract: In this work we'll study the idea of Religion and Philosophy in Baruch de Spinoza's thought (1632-1677). We'll distinguish these two subjects for to elucidate the full exercise of the liberty that the Modernity established.

Key words: Religion. Philosophy. Liberty.

1. Introdução

Quando o homem sente medo, ordinariamente não procura salvar-se por si mesmo, ele aspira ao auxílio divino ou à alguma solução mágica para suas aflições. Baruch de Spinoza (1632-1677) entende que é superstição recorrer a tais expedientes para resolver os problemas da vida diária.

Spinoza se empenha em uma análise histórica das Sagradas Escrituras revelando as contradições existentes e demonstrando que a fonte que fundamenta a Teologia está repleta de erros históricos. Assim, as passagens e as leis contidas na Bíblia não são confiáveis e podem induzir ao erro se forem aceitas como instrumento de conhecimento. O propósito do filósofo é incentivar uma experiência moral com características racionais, o que não era comum no seu tempo, como observa José Maurício de Carvalho

no primeiro capítulo de *Caminhos da moral moderna* (1995).

O filósofo defende a liberdade de filosofar com o objetivo de estabelecer regras que ajudem no convívio social. A capacidade de reflexão de cada indivíduo deve ser incentivada para que haja uma harmonia entre o homem e a sociedade. Nesse trabalho, elucidaremos como Spinoza diferenciou os objetivos da Religião e da Filosofia para justificar a liberdade de pensar.

2. As superstições dificultam interpretar as Sagradas Escrituras

Para Spinoza, as credences dos homens são reafirmadas pela superstição. Elas provêm de um conhecimento revelado, que se impõe pela autoridade de quem o anuncia e exi-

ge a obediência dos crentes. A esse conhecimento revelado, Spinoza chama de profecia.

Nas primeiras frases do *Tratado Teológico-Político*, Spinoza coloca o homem como possuidor de uma angústia que transporta para o exterior a capacidade de realização de seus projetos. Por isso, acaba fundamentando suas crenças numa força que os transcende, cuja vontade desconhece e da qual tudo depende.

Se os homens pudessem, em todas as circunstâncias, decidir pelo seguro, ou se a fortuna lhes mostrasse sempre favorável, jamais seriam vítimas da superstição (Spinoza, 1988. p. 111).

O filósofo explica que a causa que origina, conserva e alimenta as superstições do homem é o medo. Esse medo faz surgirem idéias confusas e mutiladas que são desenvolvidas pela imaginação. Assim, a imaginação não é clara e distinta como precisaria ser, deixando no homem a dúvida de um futuro incerto.

No sentir de Spinoza, a dúvida sobre o futuro gera, no homem, conflitos entre seus sentimentos. Desses conflitos resultam o medo e a esperança, que são paixões contrárias e se enfrentam na alma humana. A impossibilidade de determinar o futuro faz com que prevaleça a angústia e a ansiedade e nesse meio a superstição. A superstição aflora quando os homens se entregam delirantemente às paixões negativas que povoam sua imaginação. Eis o que diz o filósofo:

como se encontram freqüentemente perante tais dificuldades que não sabem que decisão hão de tomar, e como os incertos benefícios da fortuna

que desenfreadamente cobiçam os fazem oscilar, a maioria das vezes, entre a esperança e o medo, estão sempre a pontos a acreditar seja o que for. (Spinoza, 1988. p. 111).

Spinoza também analisa o meio privilegiado pelo qual se dá a revelação. Esse meio é a profecia. O fenômeno profético aparece nas Sagradas Escrituras, onde se encontra a revelação.

O principal problema que o filósofo enxerga nas profecias é o modo como são interpretadas. O método proposto por Spinoza é refazer as histórias dos textos bíblicos examinando a língua utilizada, o objetivo de seus autores e a vida e costumes daqueles para os quais foram dirigidos.

Vale ressaltar que Spinoza não pretende recuperar a originalidade dos textos bíblicos, e sim procurar compreendê-los a partir da época na qual foram escritos.

A língua hebraica, para o filósofo, apresenta dificuldades que dificultam a interpretação das Sagradas Escrituras porque permanece sob a responsabilidade de um grupo restrito de sacerdotes. Desse modo, resta aos homens comuns se submeterem a tais interpretações e tomá-las como o verdadeiro sentido da palavra divina. Além do mais, se cada homem tivesse oportunidade de interpretar as leis divinas conforme seus interesses, a autoridade clerical não conseguiria se sustentar, completa Spinoza.

Spinoza, em sua análise, procura entender o motivo que levou Deus a entregar suas leis ao povo hebreu. Concluiu que o povo hebreu era su-

perior aos outros povos pela forma feliz como geria aquilo que lhe dava segurança na vida. A nação hebraica foi escolhida não por sua inteligência ou serenidade, mas pela organização social e pela solidez da estrutura política. A vocação dos hebreus consiste na prosperidade temporal do Estado. Ao entregar a lei aos hebreus, Deus não excluiu os outros povos de seus planos, também eles tiveram ensinamentos de Deus:

é evidente que outras nações tiveram também, à semelhança dos judeus, os seus profetas e que estes profetizam tanto para eles como para os próprios judeus (Spinoza, 1988. p. 158).

Spinoza contesta a autoria de alguns livros das Sagradas Escrituras. Para fazê-lo, emprega a análise histórica e observa que os verdadeiros autores viveram séculos depois dos autores considerados verdadeiros.

Os ensinamentos e práticas contidos na Bíblia, em virtude de sua contaminação histórica, só são sagrados quando considerados religiosamente. Spinoza adverte que, nada é sagrado ou profano, só em função do uso se tornará uma coisa ou outra. Isso significa que as Escrituras só podem ser consideradas palavra de Deus na perspectiva religiosa. Também afirma que a metodologia de estudo das Escrituras não se conserva intacta pelos séculos, mas o significado divino da mensagem ficou preservado. A lei universal se resume na máxima evangélica: "Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo" (1988. p. 282).

O filósofo ainda afirma que as Escrituras ensinam uma mensagem compreensível por qualquer pessoa. Daí,

conclui que a doutrina da Escritura não demanda altas especulações. Se alguns insistem em dizer que os ensinamentos ali contidos são profundíssimos, tratam a Igreja como Academia e a Religião como Ciência, e elas não são nem uma coisa nem outra. O resultado acaba sendo disputas e distorções dispensáveis, completa Spinoza.

3. A distinção entre Teologia e Filosofia

Além de determinar a separação entre a Filosofia e a Teologia, Spinoza pretende esclarecer que essas disciplinas se distinguem também pelas atitudes que promovem. A Teologia se apóia na autoridade daqueles que interpretam as Sagradas Escrituras para impor obediência aos homens. A Filosofia busca a verdade, de modo que tem como autoridade a própria Razão e só a ela se submete.

O filósofo explica que a Teologia dita à Razão de seus crentes os ideais cuja origem desconhecem. Por isso, o pensar que fundamenta a Teologia está imerso em preceitos e dogmas aos quais todos devem servir. Essa imposição retira do homem a liberdade para pensar ou agir.

Ele observa que a Teologia só pode ser estruturada pelas profecias, que são frutos da imaginação daqueles que as formulam. Elas são demonstradas por sonhos dos profetas. Sendo assim, as profecias podem induzir ao erro por se manifestarem quando os profetas estão mais vulneráveis a praticá-lo.

A Filosofia, para Spinoza, está alicerçada na busca da verdade pela Ra-

zão. Desse modo, a Filosofia só pode ser anunciada por homens virtuosos e que empregam o raciocínio para solucionar os problemas. O filósofo entende que a Razão é dádiva divina, e, por isso, deve ser utilizada sempre.

O filósofo considera que a fé salva em virtude da obediência que induz. A fidelidade do homem a Deus é reconhecida através de suas boas obras. A obra que deixa ver a presença de Deus é a caridade. Portanto, fiel é quem pratica justiça e caridade. Spinoza acrescenta que as Escrituras não condenam a ignorância, mas a desobediência à lei de Deus.

Spinoza conclui que o objetivo da Filosofia é o compromisso com a verdade; o da fé é a obediência e a piedade. Os fundamentos da Filosofia são as noções racionais, devendo toda ela ser deduzida a partir da natureza; os da fé são narrativas históricas deduzíveis das Escrituras e da revelação. Portanto, entre a Filosofia e a Teologia não existe relação ou afinidade, que é o que ele desejou demonstrar.

4. A liberdade de filosofar

Spinoza apresenta suas teses para demonstrar que o homem religioso não precisa de superstições para viver. Acreditando nas superstições, o homem encontra-se alienado de suas razões. A convivência social, segundo o filósofo, deveria se pautar em práticas que caracterizam o exercício pleno da liberdade. Quanto menos liberdade mais dominador é o Estado, explica o filósofo: "quanto menos liberdade de opinião se con-

cede aos homens, mais nos afastamos do Estado (...) e mais violento é o poder" (Spinoza, 1988. p. 372).

Admitir a máxima "amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo com a nós mesmos" (Spinoza, 1988. p. 282), Spinoza proclama a relação pessoal de cada indivíduo com Deus. Assim, ao interagir em comunidade, o homem deve se manter livre e despreendido da religião. Construir uma sociedade pautada na moral laica significa preservar a liberdade de cada homem para manter a felicidade de todos, completa o filósofo.

A liberdade, para o pensador, é uma modalidade de pensamento que tem como condutor o uso da Razão. Nesses termos, Spinoza não concorda com a tese do livre-arbítrio segundo o qual o homem pode praticar o mal, utilizando a liberdade. Spinoza caracteriza a liberdade como um bem criado por Deus. Portanto, tudo que caracteriza imperfeição no homem não pode ser atribuído à ela.

O filósofo afirma que o homem livre é aquele que entre dois bens escolhe o maior e entre dois males, o menor; obedece às leis do Estado; com coragem evita a desgraça; e possui uma sabedoria voltada para a vida e não para a morte.

Spinoza defendeu a liberdade de interpretar as Sagradas Escrituras. Assim, ele enxergou as mensagens bíblicas numa perspectiva crítica e filosófica. A Filosofia, se utilizada livremente, transforma-se em conhecimento racional e puro que engrandece o homem. Ela proporciona felicidade e paz.

Vimos que Spinoza tentou conciliar a liberdade de pensar com a felicidade e a paz no homem. Ainda assim, separa a Fé e a Filosofia, elucidando que possuem realidades distintas. A faculdade de refletir é uma dádiva preciosa e para exercê-la o homem necessita de liberdade. Desse modo, o filósofo defende o emprego da liberdade na reflexão filosófica.

Conclusão

Ao elaborar uma teoria crítica da Teologia, Spinoza procurou conduzir-se racionalmente no exame do que fundamenta a disciplina. Com isso, o filósofo percebeu que uma historiografia da língua, dos autores e do povo revela contradições que dificultam uma idéia clara e distinta da Religião. Por isso, o pensador considerou as passagens e as leis bíblicas como fruto da imaginação. A imaginação é causada por sensações de medo e angústia que o homem sente por não conseguir dominar o futuro. A análise de Spinoza é importante por ajudar-nos a reconhecer o que são as leis bíblicas. Elas orientam um

povo restrito que viveu em épocas remotas.

A distinção entre a Teologia e a Filosofia feita por Spinoza ajudou o homem moderno a perceber que o compromisso da Filosofia é a busca da verdade. Essa busca deve ser realizada no uso da Razão. A utilização da Razão nos permite desprender dos vícios e evita ações inconvenientes na sociedade onde vivemos.

Para se chegar à verdade, Spinoza diz que é necessário o homem se sentir livre. Essa liberdade proporciona ao homem uma rejeição das superstições e dos vícios. Esse exame de Spinoza estabelece a base para se construir uma sociedade cuja moral seja laica. A moral laica é importante porque impede a submissão a autoridades constituídas em idéias mutiladas e confusas. O homem deve ser livre para buscar felicidade e paz. O caminho que conduz o homem a essa felicidade e paz é a Filosofia, conclui o pensador. Com essas idéias a Filosofia adquire dignidade própria e sai da órbita da Teologia.

Referências Bibliográficas

CARVALHO, José Maurício de. *Caminhos da moral moderna*. Belo Horizonte : Itatiaia, 1995.

RODRIGUEZ, Ricardo Vélez. *Tópicos Especiais de Filosofia Moderna*. Londrina : UEL, 1995.

SPINOZA, Baruch de. *Tratado Político*. Tradução de Manuel de Castro. São Paulo : Nova Cultural, 1996.

_____. *Tratado Teológico-Político*. Tradução de Diogo Pires Aurélio. Lisboa : Nacional, 1988.

_____. *Ética - demonstrada à maneira dos Geômetras*. Tradução de Joaquim de Carvalho, Joaquim Ferreira Gomes e Antônio Simões. São Paulo : Nova Cultural, 1996.